

## APRESENTAÇÃO

## Novos ventos nas artes e na cultura. A constante procura por métodos e contra-métodos de pesquisa em ciências sociais.

Organizadores:

Paula Guerra<sup>1</sup>Henrique Grimaldi Figueiredo<sup>2</sup>

### A arte, a sociologia e as ciências sociais

Na primeira década do século XX, o antropólogo francês Marcel Mauss escreveu que “a arte possui não somente um caráter social, mas também efeitos sociais” (Péquignot, 2005, p. 304). Denunciando a necessidade que uma ciência tem em apreender não somente os processos sociais de produção das obras e dos artistas, mas também as dinâmicas que organizam sua difusão e recepção, o argumento de Mauss lançava luz outrossim sobre os desdobramentos – práticos e simbólicos – de seus efeitos. Embora exista certo consenso, assim como determinadas tendências, em como a arte e a cultura são observadas da perspectiva sociológica, fato é que estes objetos constituem campos nos quais se manifestam os valores contra os quais se configurou a própria sociologia – o individual em oposição ao coletivo, a interioridade em oposição à exterioridade (Heinich, 1998, p. 7) – e desconhecer essa condição de fratura equivale a ignorar os limites e desafios de sua formulação científica.

Não é por acaso que - ocasionalmente – se regressa aos debates que pontuam a forma como a disciplina aborda a obra de arte, designadamente a complexa história retroativa da arte legitimada cujos comentários apenas vêm ornamentar sua interpretação em situações ideais de recepção (Passeron, 2017). Tropeçando muitas vezes, como denuncia Nathalie Heinich (1998, p. 75), no obstáculo da tentação hermenêutica - “por outras palavras, a tendência para interpretar obras descobrindo o seu significado (versão essencialista) ou conferindo-lhes significado (versão nominalista ou construtivista)” - o estudo das obras de arte – seja o sociológico ou aquele mais internalista – falha em encontrar zonas de tangenciamento ou pontos de colisão, onde, sem abrir mão das eficientes interpretações materiais de produção, circulação e recepção, seja também possível balancear as múltiplas dimensões da obra nas investigações em ciências humanas. O modo como as obras culturais adentram as investigações em sociologia permanece como um dos pontos mais controversos na evolução da disciplina. Concorrendo ou divergindo em certa altura – da radicalidade do determinismo ao momento em que trata de encontrar espaços para a liberdade dos agentes – as teorias sociológicas para as artes tendem a aceitar a obra como dado, abstenendo-se de projetos mais amplos que incorporem outras de suas dimensões na análise dos fenômenos sociais (Leenhardt, 2017).

Por esta razão, pesquisadores como Pierre Francastel, Jean Duvignaud, Lucien Goldmann, Roger Bastide, Antoine Hennion, Tia DeNora e Bruno Péquignot – apenas para citar alguns – dedicaram-se a preencher as lacunas deixadas pela cisão que retém determinados critérios avaliativos e reflexivos das obras aos estetas e teóricos da arte. Como bem pontuou Péquignot (2007, p. 17), a sociologia estrutura-se a partir da perspec-

1 Professora de Sociologia na Universidade do Porto e Investigadora no Instituto de Sociologia da mesma Universidade. Paula é Professora Associada Adjunta do Griffith Centre for Social and Cultural Research da Griffith University na Austrália. É ainda investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) e do DINÂMIA’CET – Iscte, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território. É fundadora/coordenadora da *Rede Todas as Artes: Rede Luso-Afro-Brasileira de Sociologia da Cultura e das Artes* e da KISMIF (kismifconference.com e kismifcommunity.com). É presidente da International Association for the Study of Popular Music (IASPM) Portugal e integra o board da Research Network de Sociologia da Arte da European Sociological Association. Coordena vários projetos de investigação subordinados às culturas juvenis, sociologia das artes e da cultura, cocriação, metodologias e técnicas de investigação, culturas DIY, entre outros temas. Paula é editora-chefe (com Andy Bennett) da revista da SAGE *DIY, Alternative Cultures and Society*. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2377-8045>

2 Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP - Fapesp 2019/10315-5) com estágio doutoral pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS - Bepe Fapesp 2020/02298-0). É editor executivo do periódico *Todas as Artes*, Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura sediado no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e membro profissional do International Council of Museums (ICOM) e do COSTUME (International Committee for Museums and Collections of Costume, Fashion and Textiles) ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6324-4876>.

tiva que prescinde da emissão de juízos, o que significa dizer que as temáticas que concernem a emissão de critérios não são de sua incumbência, e nela, a obra – este objeto social complexo, um constructo artificialmente elaborado no jogo dialético interior/exterior, subjetividade/objetividade, natureza/cultura – é muitas vezes tomada como um dado a partir do qual se desenham possibilidades científicas: uma sociologia do reconhecimento (Guerra, 2020a), uma sociologia da mediação (Hennion, 1993), uma teoria da legitimidade e da consagração das carreiras artísticas (Bourdieu, 2004; Moulin, 1992), etc.

Durante os anos de 1980, a sociologia das artes sofreu grandes mudanças, especialmente devido aos trabalhos de Howard S. Becker (1982) e Richard Peterson (1978) que levaram ao afastamento do foco estruturalista que vigorava na altura e que defendia a ideia da arte como sendo uma espécie de espelho da estrutura social - perspectiva que pode ser vista em autores como Sorokin, Weber, Dilthey e Simmel (Guerra, 2020c, 2020d). Apesar de esta abordagem ter constituído um grande avanço, segundo DeNora, falhou numa coisa: continuou a ser uma perspectiva de “caminho único”, ou seja, explicava como a arte era influenciada por uma grande variedade de fatores sociais, mas, por outro lado, olvidava como a “vida social pode ser entendida como constituída através da música” (DeNora, 2003, p.167); sendo que esta socióloga vai propor uma abordagem que estabelece ligações simbióticas entre as artes e a criação de identidades grupais (Guerra, 2020a, 2020b). O estudo da autora sobre Beethoven (DeNora, 1995) é, a este nível, exemplar. O estudo do caso de Beethoven foi motivado por duas razões: primeiro, este compositor é um caso ‘difícil’ devido à sua reputação no cânone musical e a sua noção de herói musical e, segundo, porque Beethoven não teve um sucesso estrondoso nos seus dez primeiros anos em Viena, como muitas vezes se pensa, sendo visto por muitos como alguém que ia contra tudo o que era musicalmente “respeitável”, ou seja, foi esta controvérsia e o seu subsequente apagamento da lenda de Beethoven que leva a autora a concluir que “a grandeza de Beethoven emergiu de maneiras em que a própria noção de grandeza foi adaptada para ‘encaixar’ nas formas musicais que Beethoven produziu” (DeNora, 2003, p.168-169). O seu estudo sobre Beethoven foi importante para a renovação da sociologia das artes por dois motivos: primeiro, que os vários educadores na área da música necessitaram de compreender que o “valor musical é moldado socialmente, como resultado de batalhas ganhas ou perdidas”, e que se falharem em compreender isso estarão a “defender valores que foram construídos pelo que tomam como uma forma de excelência “dada”, como por exem-

plo a noção, profundamente enraizada no cânone musical, que os ‘grandes’ compositores são todos homens” (DeNora, 2003, p.169). O segundo motivo foi que se pode tomar o reconhecimento social do talento descrito no caso de Beethoven como aplicável a qualquer “mundo musical”.

No seu próprio trabalho (DeNora, 2000), DeNora postulou o conceito de ‘possibilidades’ (*affordance*) para descrever as habilidades musicais para “passar à ação” (“get into the action”), ou seja, o papel de mediação estabelecido em relação às ações sociais e experiências. Este conceito “aponta para o facto de que certos tipos de materiais, seja um objeto, como uma bola, ou um tipo de música, se prestam mais facilmente a fazer certas coisas do que outros”. O conceito de *affordance* de DeNora “ajuda a sublinhar como a música e propriedades especificamente musicais podem - através de suas características físicas (e.g. estrutura melódica e harmónica) e propriedades convencionais associadas (e.g. músicas de amor) – prestam-se a formas de ser e fazer”. Assim, a sociologia das artes “pode, portanto, focar-se em como as possibilidades são criadas, como as ligações entre música e vida social/experiência social são forjadas” (DeNora, 2003, p.170).

Certamente esta abordagem permitiu ganhos consideráveis na produção de conhecimentos conceituais e metodológicos sobre as instituições, os mercados, as audiências e as profissões artísticas (Guerra, 2021a). Passa-se a compreender, por exemplo, que o valor da arte não é intrínseco, dependendo de um processo complexo de legitimação social (Bueno, 2020); que a arte necessita de meios materiais de manifestação, de modo que a crença em seu valor social está condicionada à expressão de sua eficácia simbólica em ocorrência no mundo prático<sup>3</sup> (Bourdieu, 1996; Bastide, 1997); ou ainda que toda arte existente atravessou previamente um processo de artificialização (Heinich, Shapiro, 2012), isto é, uma operação de reposicionamento ontológico e/ou requalificação material de um objeto ou prática, em uma passagem que nada possui de natural da não-arte à arte.<sup>4</sup> Tributários da noção de “etiquetagem artística” (Moulin, 1992, 1995), esses projetos sociológicos desvelam sobretudo as diferentes condições a partir das quais os valores e os capitais específicos são negociados e consolidados, assim como as consequências sociais dessas concorrências ou conluios para os campos culturais.

Uma espécie de fobia ao essencialismo – o evitamento em se considerar outras dimensões da obra de arte ou mesmo de tomá-la para além do dado – que advém do rigor trazido por uma sociologia de pes-

3 A produção da crença, no sentido imaginado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, é tributária de uma série de reflexões progressivas, consolidadas no pensamento sociológico e antropológico clássicos: ‘o conformismo moral e lógico’ de Émile Durkheim; a ‘economia das reciprocidades simbólicas’ de Marcel Mauss; e ainda o ‘carisma’ em Max Weber. O estudo da crença, como por ele estipulada, atua no desvelar dos processos de interiorização oculta de princípios sociais que fabrica uma credibilidade intrínseca – natural às coisas da fé –, extrinsecamente elaborada e testada. Nesse sentido, a crença exerce sua eficácia simbólica quando manifestada no mundo prático; uma noção deve muito aos estudos do antropólogo.

4 “Nós entendemos a artificialização como um processo de processos. Identificamos dez processos constituintes: deslocamento, renomeação, recategorização, mudança institucional e organizacional, patrocínio, consolidação jurídica, redefinição do tempo, individualização do trabalho, disseminação e intelectualização” (Heinich, Shapiro, 2013, p. 18).

quisa do final dos anos 1960<sup>5</sup>, esse medo diante da obra não impossibilita que as ciências humanas – e as ciências sociais em especial – imagine outros protocolos de pesquisa que enriqueçam a compreensão e os debates sobre os bens culturais. “Quando nos arriscamos com suficiente audácia para ir nesta direção”, escreve Passeron (2017, p. 73), “vemos como se acusa a sociologia da arte de ‘reduzora’ a cada vez que se retira ante a este obstáculo”, entregando o inefável a cargo dos “sacerdotes de culto das obras ou do milagre da arte”. Em outras palavras, a vigilância epistemológica necessária a uma ciência rigorosa e desinteressada não se opõem à invenção ou atualização de métodos outros de investigação como temos vindo a observar com DeNora (DeNora, 2002; Guerra, 2021b).

Nossa provocação aqui por métodos e objetos alternativos para se pensar a arte e a cultura, caminha no sentido de uma retomada da pergunta de Ducret (1990) em seu livro *Mesures, études sur la pensée plastique*: por que a sociologia estaria condenada a permanecer muda, se não sobre a qualidade da estética, ao menos sobre a parte coletiva das obras que a ela se vincula, seja para desconstruir sua identidade, seja para reconstruir sua origem. Ou, ainda, para propor novos horizontes de uma arte participada, ativista, inclusiva (Guerra, 2022, 2019).

### Obras, valores sociais e intervenção

Toda sociologia que toma a arte ou a cultura como seus objetos é, ao menos em alguma instância, uma sociologia da investigação do jogo onde se constroem os valores sociais. Sobre a questão do valor, Émile Durkheim (1960) argumenta ser possível tomar como objeto a fronteira, objetivada pelo rito, entre o profano e o sagrado, com o intuito de examinar as formas e forças sociais que produzem tais diferenças de valor. E Max Weber, de modo ainda mais explícito que Durkheim, demonstra que a “neutralidade axiológica” não exclui, mas impõem ao sociólogo e ao historiador a “relação com os valores” como instrumento interpretativo na construção e descrição dos “feitos de valor cultural”. A ideia de feitos de valor cultural será retomada por Passeron (2017) para propor um ponto de encontro entre cultura e sociedade em que esse elemento, convertido em “feitos de valor social”, nos informa muito mais do que simplesmente sobre um campo específico de produção (o campo da arte por exemplo), sendo, em alternativa, uma expressão do próprio mundo social. Para Passeron, devemos tomar com coragem a tarefa sociológica que trata o valor artístico não como o valor que se encontra nos feitos de criação e recepção superqualificados, mas sim como qualquer outro valor social ou ainda tratar qualquer outro valor social como este.

Essa ‘tarefa sociológica’ encontra em Roger Bastide (1977) uma possibilidade inaudita de atualização da

prática de pesquisa, na qual “somos parte de uma sociologia que busca o social na arte e chegamos a uma sociologia que caminha em sentido contrário, do conhecimento da arte ao conhecimento do social” (Bastide, 1977, p. 190). Para o sociólogo francês, Jacques Leenhardt (2017), quando a sociologia verdadeiramente considera a obra de arte esta tende a encontrar certas condutas de simbolização da realidade social, onde a obra vislumbrada a partir das representações e das relações sociais nunca simboliza o social – *ex nihilo* – mas o (re)simboliza. Definir a obra como promotora de uma re-simbolização significaria dizer que o artista dedica-lhe uma reflexão, trabalha sobre ela a partir de uma autêntica relação social em um lugar de confronto do indivíduo pela singularidade de sua prática. A questão central para Leenhardt, estaria na impossibilidade, ao menos *a priori*, em saber em que medida “uma obra é capaz de elevar-se a esse nível meta-social em função dos diferentes arranjos institucionais” (Leenhardt, 2017, p. 83). Visto dessa perspectiva é que imaginamos ser possível, na pesquisa em ciências sociais, ativar aspectos das obras que antes lhe eram interditas. Não queremos dizer com isso que seria de incumbência sociológica disputar o direito ao inefável que decide sobre a boa ou má arte, ou mesmo que se dedica a descrição da condição plástica do objeto artístico, mas sim que entender a obra (aqui no sentido expandido, a arte mas também qualquer obra cultural) para além do dado nos possibilita a compreender os processos coletivos de disputa e validação sobre os próprios valores sociais que, em um determinado período, organizam e ordenam a vida social.

### Métodos e contra-métodos de pesquisa em ciências sociais

Imaginar a disputa sobre a arte e a cultura como uma disputa sobre os valores sociais em si, pode revelar muitas coisas. A partir desse ângulo se entende, por exemplo, como ao longo de décadas muitas obras – sobretudo aquelas produzidas por grupos minoritários, dissidentes ou alternativos à cultura hegemônica – foram escamoteadas, soterradas ou exotizadas na pesquisa em ciências sociais; ou ainda porque questões de raça, gênero, os debates sobre os saberes dos povos originários e a cultura popular, eram muitas vezes eclipsadas por outras investigações.

Nas últimas décadas, no entanto, experienciamos movimentos de abertura que através de constantes lutas e articulações sociais têm retomado estas temáticas. Devolvendo-lhes a devida importância, esses trabalhos que revisam ‘uma história legitimada’ (que é em essência a história dos vencedores) incorporam ainda outros modos de fazer e pensar que ampliam os horizontes científicos. Na modernidade tardia, os movimentos artísticos/sociais – notadamente o feminismo – têm desempenhado papéis fundamentais no desvendamento e/ou desconstrução artística do mun-

5 Fazer sociologia depois de P. Bourdieu, J-C Chamboredon e J-C Passeron, é também tomar com seriedade a questão sobre o objeto científico como objeto construído – ponto amplamente desenvolvido em *Le métier de sociologue*, no qual a referência a Bachelard e Canguilhem é onipresente sobre este tema – e portanto produzir uma definição exterior à obra que não a reduza a um objeto ou evento isolado, mas que a integre ao conjunto do que a produziu e os efeitos que ela provocou nesta definição (Péquiñot, 2005, p. 323).

do. Por outro lado, a reelaboração de paradigmas e a necessidade de remodelagem dos processos societários que abarquem o novo têm delegado às ciências sociais e sobretudo à arte a responsabilidade de formular chaves de compreensão para os desafios que se têm apresentado. Assim, têm assumido especial relevo as abordagens teórico-conceituais multifacetadas e abrangentes com o intuito de dar conta das várias especificidades do ecofeminismo aliando-o ao Antropoceno (Guerra, 2023a, 2023c). Por outro lado, a introdução de contributos decoloniais relacionados com as inelutáveis reparações históricas ligadas ao indigenismo/ aborígine, à etnicidade e ao racismo quer como práticas artísticas, quer como objeto fomentador de atos de resistência, tem sido um avanço claro na sociologia das artes contemporâneas (Guerra, 2023b, 2019). Ao procurar demarcar uma perspetiva no que respeita à inter-relação que existe entre a arte – entendida no seu campo vasto e amplo, no qual se enquadram, se não todas, variadíssimas manifestações desde o cinema, a literatura, a plástica/visual, a street art, até a música – e as ciências sociais, nomeadamente a sociologia, almejasse recolocar os posicionamentos daqueles dois domínios numa perspetiva dialógica, em que a arte, mais do que um espelho ou reflexo da realidade social, é, ela própria, criadora de ação, produtora de conhecimento ao suscitar a emergência de problemáticas que se fazem refletir na própria realidade social (Guerra, 2021c, 2022).

Responsáveis por refundar todo o campo epistemológico, essas contribuições ora aprofundam as ferramentas já correntes nas pesquisas em ciências sociais, ora atualizam seus pressupostos por meio da criação de contra-métodos inovadores e/ou alternativos que permitem com que a disciplina evolua na medida em que também se sofisticam os fenômenos sociais. Raiz da proposta do dossiê “*Novos ventos nas artes e na cultura. A constante procura por métodos e contra-métodos de pesquisa em ciências sociais*”, a transformação nos métodos de pesquisa vigentes ou a criação de novas proposições conceituais e metodológicas guiam, em alguma medida, todos os textos aqui apresentados.

Assim, em “Epistemologias marginais — pensando o fazer antropológico”, as autoras Luciméa Santos Lima e Maria Zilma Gabino buscam compreender, por exemplo, como o cruzamento epistemológico pode contribuir para pensarmos as estruturas que ancora as antropologias no Brasil e validar métodos considerados menos científicos. Visibilizando a história da parcela subalternizada da sociedade a partir do reconhecimento das epistemes contidas nas suas trajetórias, elas ressaltam como métodos alternativos, como a Escrivência, podem ser aplicados para descolonizar os espaços académicos.

No artigo intitulado “Desafios no ensino da fotografia nos cursos de comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte” da autoria de Elissa Elsie Costa Batista da Silva Beserra, Mariana do

Vale Gomes e Maria Angela Pavan existe uma interessante reflexão acerca dos desafios atuais levantados pelo ensino da fotografia no contexto do ensino superior. Esta é uma reflexão interessante não apenas porque reconhece a importância da fotografia-arte como ferramenta de formação e de conhecimento de uma realidade cada vez mais ocularcêntrica; mas, simultaneamente, evidencia as dificuldades logísticas e materiais de implementação destes cursos, evidenciando bem a relativa subalternidade que as artes ainda possuem como ferramentas de conhecimento e de intervenção na sociedade.

André Peralta Grillo apresenta-nos os “Sentidos do trabalho com arte e cultura: a produção cultural no Brasil contemporâneo”. Este artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa recente acerca da produção cultural (no sentido do uso comum do termo no Brasil, entendido como “gestão cultural”) no Brasil contemporâneo. O foco do autor situa-se no nicho da música “independente”, procurando compreender alguns dos sentidos possíveis que a atividade possui para quem a executa, remetendo para a contracultura dos anos 1960. Com efeito, esse momento histórico colaborou para um novo sentido do trabalho, representado por muitos dos produtores pesquisados pelo autor, ao menos em sua forma incorporada, como um “novo capitalismo”.

O reconhecimento dos atuais e fundamentais desdobramentos interventivos da arte é o cerne do artigo de Janaina Bastos dos Santos e Adriana de Souza Medeiros Batista. Portanto, o texto denominado “Construções dialógicas possíveis entre o saber formal e dos adolescentes em conflito com a lei por intermédio da arte para promoção da saúde” acosta os desafios de se configurarem cuidados em saúde para adolescentes em conflito com a lei, internos do sistema socioeducativo. O artigo tem como objetivo expor produções artísticas enquanto mediadoras do diálogo entre académicos e seu público-alvo de ação extensionista. Partiu da hipótese de que qualquer proposta de cuidado dependa de adesão, e que esta pode ser atingida através da interação dialógica: assim, incidiu em produções musicais rap escolhidas e produzidas pelos adolescentes, além de desenhos configurados como autorretratos. As composições foram avaliadas enquanto força de representação dos adolescentes, forma de os conhecer e delimitar as estratégias de promoção da saúde.

Finalmente, Teresa Lima patenteia-nos com o artigo “A entrevista de história de vida no centro da investigação – o caso de Edgar Pêra”. A autora partiu de uma entrevista de história de vida ao realizador português Edgar Pêra – e este foi o seu mote para questionar a relação entre a arte, a comunicação e a biografia. A entrevista apresenta-se, no contexto da pesquisa da autora, como uma opção metodológica central, que estimula a prática da comunicação ritual (ligada ao tempo e à memória) e desafia a autorreflexão sobre o papel da investigadora, num diálogo construído entre entrevistadora e entrevistado. Subsidiária de

referências dos estudos culturais norte-americanos (James Carey) e do pragmatismo (John Dewey, Richard Shusterman e Nathalie Heinich), Teresa Lima procurou, através de um processo em que trabalho de campo e a reflexão teórica se influenciam mutuamente, compreender, mais do que explicar, o que faz e como faz Edgar Pêra, extirpando, daí, inferências sobre as trocas simbólicas que geram novos discursos no todo social tendo a arte como protagonista.

## Referências Bibliográficas

Bastide, R. (1977). *Art et société*. Paris: Payot.

Bastide, R. (1997). *Éléments de sociologie religieuse*. Paris: Éditions Stock.

Becker, H. S. (1982). *Art worlds*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.

Bourdieu, P. (2004). *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk.

Bourdieu, P.; Chamboredon, J-C; Passeron, J-C. (2007). *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. São Paulo: Vozes.

Bueno, M. L. (2020). Collections and archives as agents of globalization. In: Bulhões, M. A.; Vargas, N. & Fetter, B. *Arte além da Arte* (p. 76-85). São Paulo: Sesc.

DeNora, T. (2003). Music sociology: getting the music into the action. *British Journal of Music Education*, 20(2), 165–177.

DeNora, T. (2002). Music into action: performing gender on the Viennese concert stage, 1790–1810. *Poetics*, 30(2), 19–33.

DeNora, T. (2000). *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press.

DeNora, T. (1995). *Beethoven and the construction of genius*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.

Ducret, A. (1990). *Mesures: études sur la pensée plastique*. Paris: La Lettre Volée.

Durkheim, É. (1960). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: P.U.F.

Guerra, P. (2023a). DIY, fanzines and ecofeminism in the Global South: ‘This city is my sister’. *DIY, Alternative Cultures & Society*, 1(3), <https://doi.org/10.1177/27538702231211062>.

Guerra, P. (2023b). Réquiem para Dois Rios. Contributos para uma discussão acerca do ativismo ambiental indígena e ecofeminista no Sul Global. *Caïana. Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA)*, 22, 15-29.

Guerra, P. (2023c). Ninguém nos ensina como viver.

Ana da Silva, The Raincoats e a urgência de (re)existir. *MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP*, 7(1), 212-249.

Guerra, P. (2022). Barulho! Vamos deixar cantar o Fado Bicha. Cidadania, resistência e política na música popular contemporânea. *Revista de Antropologia, [S. l.]*, v. 65, n. 2, 122-138.

Guerra, P. (2021a). So close yet so far: DIY cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, v. 30, n. 2, 122-138.

Guerra, P. (2021b). Uma Lisboa só dele(s). Processos artivistas de recriação de paisagens sonoras contemporâneas. *PerCursos, Florianópolis. Dossiê A vertigem das artes no Sul global*, 22(50), 15 - 42.

Guerra, P. (2021c). Continuarei em busca do meu lugar. Mulheres, migrações e música. *NAVA. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design: UFJ*, 6(1-2), 42-70.

Guerra, P. (2020a). Paixões sónicas conservadas em disposofonias: o musicar de Gustavo Costa e da Sonoscopia. *ArtCultura Uberlândia*, 22(41), 7-29.

Guerra, P. (2020b). Sereias distópicas: um ensaio sobre a relevância da distopia nas criações artísticas contemporâneas portuguesas. *Arte e Ensaios, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRF*, 26(40), 393-407.

Guerra, P. (2020c). Other Scenes, Other Cities and Other Sounds in the Global South: DIY Music Scenes beyond the Creative City. *Journal of Arts Management and Cultural Policy*, 1: Special Issue Creative Cities off the Beaten Path, 55-75.

Guerra, P. (2020d). The Song Is Still a ‘Weapon’: The Portuguese identity in times of crises. *YOUNG – Nordic Journal of Youth Research*, 28(1), 14-31.

Guerra, P. (2019). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. *Horizontes Antropológicos*, 28 (55), 19-49.

Heinich, N. (1998). *Ce que l’art fait à la sociologie*. Paris: Minuit.

Heinich, N; Shapiro, R. (2012). *De l’artificiation: enquêtes sur le passage à l’art*. Paris: EHESS.

Heinich, N; Shapiro, R. (2013). Quando há artificiação? *Sociedade e Estado*, 28(1), 14-28.

Hennion, A. (1993). *La passion musicale: une sociologie de la médiation*. Paris: Métailié.

Leenhardt, J. (2017). Una sociología de las obras es necesaria y posible? In: Venegas, P; Facuse, M. *Sociología del arte: perspectivas contemporâneas*. Buenos Aires: Ril Editores.

Leenhardt, J. (2017). Una sociología de las obras es necesaria y posible? In: Venegas, P; Facuse, M. *Sociología del arte: perspectivas contemporáneas*. Buenos Aires: Ril Editores.

Mauss, M. (1974). L'art et le mythe d'après M. Wundt. In: Mauss, M. *Oeuvres, tomo II*. Paris: Minuit.

Moulin, R. (1992). *L'Artiste, l'institution et le marché*. Paris: Flammarion.

Moulin, R. (1995). *De la valeur de l'art*. Paris: Flammarion.

Passeron, J-C. (2017). El punto de encuentro entre las obras y la sociología. In: Venegas, P; Facuse, M. *Sociología del arte: perspectivas contemporáneas*. Buenos Aires: Ril Editores.

Peterson, R. A. (Ed.) (1978). *The production of culture*. Los Angeles/London: Sage.

Péquignot, B. (2005). La sociologie de l'art et de la culture en France: un état des lieux — *Sociedade e Estado*, 20(2), 303-335.

Péquignot, B. (2007). *La question des œuvres en sociologie de l'art*. Paris: L'Harmattan.

Weber, M. (1996). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.